

A VOYAGE TO THE COUNTRY OF THE HOUYHNHNMS ; IRONIA E ARTE SATÍRICA*

NOTA PRÉVIA

Em termos muito genéricos, pode-se apontar como objectivo deste ensaio contribuir, através do estudo de processos narrativos e de estratégia satírica, para a compreensão de circunstâncias que justifiquem a polémica sempre concitada por *A Voyage to the Country of the Houyhnhnms*, IV Parte de *Gulliver's Travels*, de Jonathan Swift.

Em «Introdução», apontam-se algumas das preocupações centrais nessa polémica, articuladas com breves considerações teóricas sobre *sátira e ironia*, enquanto problemática prévia à argumentação subsequente.

O 1.º e o 3.º pontos traçam os modos como o narrador e o ideal que nos oferece são sucessiva e sub-repticiamente desacreditados perante o leitor, enquanto o ponto 2 se ocupa de processos (irónicos) pelos quais a visão satírica se constrói.

No ponto 4, e retomando aspectos abordados em «Introdução», relaciona-se a diversidade de opiniões com que a crítica tem recebido o texto em causa com os juízos propostos por uma reflexão final não designada como *Conclusão* por constatar a multiplicidade de resultados na leitura de um texto ironicamente não-resolvido.

INTRODUÇÃO

«...the chief end I propose to my self in all my labours is to vex the world rather than divert it...»¹

A famosa «declaração de intenções» de Jonathan Swift, formulada numa data e num contexto que a podem tornar directamente relevante para uma leitura de *Gulliver's Travels*², é citada com frequência na perpetua polémica em torno dos objectivos e normas discerníveis nessa obra — e, em especial, na última

* (Trabalho apresentado ao seminário sobre «O ponto de vista na teoria e crítica e na prática Literária inglesa», dirigido pela Prof.^a Doutora Maria Helena Paiva Correia, no *Curso de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos* da Faculdade de Letras de Lisboa).

¹ SHERBURN, George (org.) — *The Correspondence of Alexander Pope*, vol. II, Oxford at the Clarendon Press, 1956. p. 325 — carta de Swift para Pope, datada de Setembro de 1725.

² *Gulliver's Travels* foi publicado pela primeira vez em 1726, alguns meses depois de Swift ter dirigido a Pope a carta indicada em (1) — na qual há referências explícitas as *Viagens*.

(mas não conclusiva?) *Viagem*, Servindo de apoio adicional aos que vêm por detrás de *A Voyage to the Country of the Houyhnhnms* (e da imagem do Homem com que parece confrontar-nos) uma mente misantropicamente motivada (o próprio Swift, num texto não-ficcional, manifestou um sentimento de ódio ao ser humano...³); podendo ilustrar, por outro lado, preocupações com a correcção dos vícios (evidência de um filantropismo cristão ...) sublinhadas por quem partilha da «misericordiosas vontade de desculpabilizar os momentos mais ferozes da sátira swiftiana, a afirmação que constituímos em epígrafe interessar-nos-á, de momento, apenas para apontar o propósito de intervenção no «mundos que dela inegavelmente transparece — e que será, afinal, inerente a todo o texto satírico: «...to the extent that satire attacks, it is rhetorical (...) and there is a persuasive end in sight»⁴.

Como é óbvio, a finalidade persuasiva ganha maior realce quando a sátira é definida em função de uma eficácia moral — quando concebida como servindo necessariamente propósitos didácticos e de reforma (de indivíduos ou sociedades). Contemporâneos de Swift como Dryden e Defoe reclamavam a «correcção de vícios» como vocação natural da sátira — que Pope não deixaria também de exaltar como «arma sagrada»,

...left for Truth's defense
sole dread of Folly, Vice, and Insolence!⁵

Mas, independentemente da relevância que queiramos — ou não — atribuir às «intenções» do autor satírico⁶, a busca de qualquer apoio firme para a «resolução» de discordâncias críticas em considerações semelhantes formuladas por Swift revelar-se-á tarefa infrutífera. De facto, se Swift nos confronta, por vezes, com manifestações da crença na possibilidade de contribuir para «melhorar o mundos, é não menos verdade que, ao definir Sátira como «a sort of Glass, wherein Beholders do generally discover everybody's Face but their Owns. Swift dá voz a uma atitude de descrença e pessimismo que confirmará mais tarde, quando declarar ser apenas possível ajudar a manter homens de Bem no caminho da virtude, «but seldom or never reclaim the vicious»⁷. Inviabili-

³ «...I hate and detest that animal called man...»—SHERBURN (org.)—op. cit., p. 325.

⁴ PAULSON, Ronald — *The Fictions of Satire*, Baltimore, The Johns Hopkins Press, 1967, p. 3.

⁵ POPE, Alexander— *Epilogue to the Satires*, org. John Butt, 'The Twickenham Edition of the Poems of Alexander Pope', London and New Haven, Methuen and Vale U.P., 1969. p. 325; ver ainda: POLLARD, Arthur — *Satire*, London, Methuen & Co Ltd, 1970, p. 1.

⁶ Cito, a propósito, Wayne C. Booth sobre a consideração das "intenções do autor» em sátira que faça uso da ironia: «...in political or moral satire, the reconstruction of ironies depends both on a proper use of knowledge or inference about the author and his surroundings and on discovery of a literary form that realizes itself properly for us only in an ironic reading. (...) So long as we remain interested in whether the work as made requires ironic reconstruction, we cannot ignore some picture of the intending author, much as we might like to. These words could not have been put together in this way except by a human being with such-and-such intentions.» — *A Rhetoric of Irony*, Chicago and London. The Univ. of Chicago Press, 1974, pp. 120-171.

⁷ SWIFT, Jonathan — *Preface to "The Battle of the Books"*, «A Tale of a Tub with Other Early Works, 1696-1707», org. Herbert Davis, Oxford, Basil Blackwell, 1957, p. 140; ver ainda: WILLIAMS, Harold — *Introduction*, «Gulliver's Travels», org. Herbert Davis, Oxford, Basil Blackwell, 1965.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

zada, aparentemente, a possibilidade da correcção, restará à sua sátira a função de protesto e castigo. Mas mesmo esses esforços dificilmente são identificáveis com indiferença ou impassibilidade — características autênticas do cínico, do homem que descrê da solidez de quaisquer valores.

A aceitação da imagem de um Swift conscientemente empenhado em se/nos remeter ao desespero⁸ — imagem que parece estar por vezes presente na crítica a *A Voyage to the Country of the Houyhnhms* — tomaria problemática a designação da obra como *sátira*: negando a existência de um ideal ou conjunto de ideais por detrás dos ataques formulados, invalida-se o reconhecimento da denúncia, que terá de assentar na discrepância entre uma norma (ideal) e uma situação concreta que o autor observa e constitui em seu alvo.

Se os objectos da denúncia e do ácido descontentamento de Swift são normalmente, e com uma relativa facilidade, identificados com feições e tendências prevalecentes no *Establishment* Augustano (nomeadamente um optimismo que encontra expressão emblemática na crença de que «Whatever is, is right»⁹), já os padrões sobre os quais a sua sátira terá de ser lida são mais difíceis de definir. Não se prestando a uma rotulação pura e simples, e incorrendo, por vezes, em contradições («[He] categorized man as the self-contradictory animal and provided in his own person an outstanding example of the genus»¹⁰), Swift será, como nos é frequentemente lembrado, uma consciência marcada pelo Passado, pela História conturbada da Inglaterra do século que o antecede — assim como pelas duras realidades vividas na Irlanda do seu Presente.— e cujos valores coincidirão cora os de um Humanismo e um Cristianismo tradicionais, apenas nominalmente assumidos pela maioria dos seus contemporâneos¹¹.

Seja como for, a familiaridade do público a quem se dirige com as circunstâncias e valores que coloca em mira permitem-lhe realizar uma das funções soberanas da sátira: lançar sobre objectos comuns a luz crua e o ar de «novidades que nos levam, no choque da descoberta, a tomar consciência dos erros que os permeiam; um processo, enfim, que pode ser de auto-reconhecimento— «...to reveal us to ourselves, to make us see ourselves afresh and from a new angle»¹². Servindo esse objectivo, o uso «parasitários que a sátira faz de formas literárias das quais adopta os processos e as técnicas (para também

⁸ Como exemplos claros da *rejeição* de tal leitura, valerá a pena referir: BREDVOLD, Louts I. — *The Gloom of the Tory Satirists*, «Pope and his Contemporaries — Essays presented to George Sherburn», org. James L. Clifford e Louis A. Landa, New York, Oxford U.P., 1949; MONK, Samuel Holt — *The Pride of Lemuel Gulliver*, "Eighteenth-Century English Literature — Modern Essays in Criticism», org. James L. Clifford, New York, Oxford U.P., 1959.

⁹ POPE, Alexander — *An Essay on Man*, org. Maynard Mack, London and New Haven, Methuen and Yale U.P., 1964, p. 51.

¹⁰ REILLY, Patrick — *Jonathan Swift— the Brave Desponder*, Manchester, Manchester U.P., 1982, p. 116,

¹¹ Ver, a este propósito: WILLEY, Basil — *The Eighteenth-Century Background — Studies on the Idea of Nature in the Thought of the Period*, Middlesex, Penguin Books 'in association with Chatto and Windus, 1965, p. 101.

¹² WILLIAMS, Kathleen—*Jonathan Swift*, London, Routledge & Kegan Paul, 1969, p. 5.

os parodiar) fornece-lhe a capa necessária para, recorrendo com frequência a construções irónicas, levar o leitor a um ponto do qual já não há retorno, expostas que foram as (suas) crenças mais íntimas e menos reconhecidas, os hábitos menos racionais e mais renitentemente mantidos. O satirista aproxima-se, por este modo, da figura do *iron* Clássico — entendido como aquele que, dissimulando (identidade ou capacidades), põe em acção, nas palavras de D. C. Muecke, «a smooth, low-down way of taking people in»¹³ — ou (se quisermos ainda) de um *Fool* shakesperiano que já não pede licença ao leitor hipócrita para «Dexteriously (...) prove [him] a fool»¹⁴.

A ironia constituir-se-á, para esse fim, em recurso central e hegemónico, num processo que Ronald Paulson e Ronald Knox, entre outros, apontaram como característico em textos de ficção do séc. XVIII inglês:

During the Augustan period English practice transformed irony from a strictly rhetorical device to a vehicle of psychological and cognitive meaning. The transition appears in the development from local or incidental irony to a sustained point of view.

...people became increasingly conscious that irony could be the informing principle of a fairly long piece of writing, and in such writing they saw the necessity of sustaining both the ironic point of view and the ironic mask to the end... "

Para a sátira, como a temos vindo a encarar, poderá tal processo constituir um perigo — caso o ponto de viragem, o momento em que o satirista se/nos desmascara, não tenha lugar (ou não seja assinalado de modo evidente) no espaço narrativo. Se, enfim, não houver uma clara reconstrução de sentidos que a ironia subverteu, estaremos no âmbito daquilo que Wayne C. Booth designa como «ironia instável»¹⁶ — uma ironia generalizada e que nos deixa na ambiguidade, na indecisão sobre as normas que o satirista deverá tornar nítidas, sob pena de não partilharmos da sua visão.

Aceitar que muitos dos problemas colocados à crítica por *A Voyage to the Country of the Houyhnhnms* possam resultar da manutenção até ao fim de um ponto de vista consistentemente irónico, que contrarie a intenção satírica, pressuporá a dissociação, em Swift, entre artista e moralista, para privilegiar o primeiro — vendo-o, então, como um precursor do autor de ficção moderno, que se não sente obrigado, moralmente ou em quaisquer outros termos, a conduzir os juízos do seu leitor. Implicará, ainda, atribuir a Swift uma *Weltanschauung* na qual as certezas se dissolvam e se negue a existência de valores seguros ou absolutos: uma possibilidade de leitura sedutora, mas eventualmente dificultada por uma contra-argumentação que o conhecimento

¹³ MUECKE, D. C. — *Irony*, London, Methuen & Co Ltd, 1970, pp. 14-15.

¹⁴ SHAKESPEARE, William — *Twelfth Night*, 1-5: 52-5.

¹⁵ PAULSON — op. cit., pp. 97-8; KNOX, Ronald — *The Word Irony and its Context, 1500-1755*, N. C.: Duke U. P., 1961, p. 185.

¹⁶ BOOTH — op. cit., pp. 5 segs., 240.

dos contextos — da personalidade literária do autor, das preocupações com a clareza que transparecem noutras suas obras, e do enquadramento histórico-cultural — poderá levantar.

Um novo olhar e uma atenção pormenorizada ao texto da IV Viagem de Gulliver poderá, contudo, lançar luz sobre os fundamentos de tais divergências, e atestar da validade das leituras que viemos a sugerir.

1. Lemuei Gulliver: mediania e mediocridade?

«No narrator or central intelligence is *simply* convincing: he is convincingly decent or mean, brilliant or stupid, informed, ignorant or muddled»¹⁷.

A finalidade retórica que determina inevitavelmente qualquer texto de ficção¹⁸ rodeia-se, no caso da sátira, de uma importância muito especial — como sublinhámos em *Introdução*. Para o funcionamento persuasivo do texto satírico, o quadro ético contra o qual o satirista detectou as transgressões que ataca — quadro que não poderá ser fundamentalmente diverso daquele em que o leitor é suposto acreditar — terá de ser tornado evidente, a fim de que leitor se junte a autor numa plataforma de sobrançeria.

Esse processo adquire uma outra complexidade quando o autor opta por «desaparecer», abdicando — por razões que terão de encontrar também justificação retórica — de prerrogativas que confia a outra entidade, que assume as responsabilidades da narração. Face ao silêncio ostensivo do autor, as normas da obra terão de ser discernidas no equilíbrio de oposições e identificações em que se articulam e dialogam autor, narrador, personagens, leitor¹⁹.

Conceder à personagem central a possibilidade de se narrar — e à sua história — é assegurar-lhe, por parte do leitor, uma dose de simpatia dificilmente neutralizável, desde (é óbvio) que a sua distância em relação a valores fundamentais que o leitor não pode ver abalados se não torne excessiva, o não converta num opositor. Dúvidas quanto à relação entre autor (implícito) e narrador, e quanto ao grau de fidedignidade deste último, assumem uma relevância particular numa sátira com momentos fortemente irónicos como é o caso de *A Voyage to the Country of the Houyhnhnms*, transformada já num *locus classicus* de instabilidade crítica.

Tendo-se revelado, ao percorrer as paisagens humanas em que foi colocado, como o homem médio — na proveniência social, nas emoções, nos gostos, nas capacidades intelectuais — Gulliver merecerá ainda, à partida para a sua IV Viagem, uma confiança apenas levemente «desgastada*» ao longo das três primeiras aventuras. Os erros cometidos ao longo desse percurso contribuem, afinal, para a mesma imagem de mediania, necessariamente distante de

¹⁷ BOOTH, Wayne C. — *The Rhetoric of Fiction*, Chicago and London. The Univ. of Chicago Press, 1975, p. 273.

¹⁸ Ver: BOOTH — ...*Fiction*, (especialmente) Part I. Ch. 4.

¹⁹ Ver BOOTH — ...*Fiction*, p. 155.

comportamentos heróicos, e apoiada num senso-comum só transgredido pelo «vício» da viagem — «vício» indispensável aos intentos autoriais, e perdoável pelo voluntário retorno ao local de origem e à família.

A IV Viagem marcará, contudo, o distanciamento do narrador em mais do que um eixo de valoração. Em termos morais e humanos, a própria atitude de partir não deixa de ser censurável: vivendo embora na feliz estabilidade que o lar lhe assegura («I continued at home with my wife and children about five months in a very happy condition»), Gulliver cede de novo à tentação da viagem, sob a forma de suma oferta vantajosas — uma cedência agravada pelas responsabilidades, fortemente sublinhadas, que terá de alienar: «I left my poor wife big with child...»²⁰.

As suas limitações no plano intelectual, que transpareciam já em momentos das viagens anteriores — revelando-o como um narrador não especialmente perspicaz — tornar-se-ão mais evidentes, criando-se situações em que o leitor, dependendo em exclusivo da informação veiculada por Gulliver, pode atingir conclusões fundamentais antes do próprio Gulliver. Um episódio situado quase no início poderá ser esclarecedor quanto a tais deficiências, que contrastam curiosamente — a bem da narrativa — com as suas óptimas qualidades de observação, vividamente demonstradas perante o leitor:

At last I beheld several animals in a field, and one or two of the same kind sitting in trees. Their shape was very singular, and deformed, which a little discomposed me, so that I lay down behind a thicket to observe them better. (...) Their heads and breasts were covered with a thick hair, some frizzled and others lank; they had beards like goats, and a long ridge of hair down their backs, and the foreparts of their legs and feet, but the rest of their bodies were bare, so that I might see their skins, which were of a brown buff colour, They had no tails, nor any hair at all on their buttocks, except about the anus; Which, I presume, Nature had placed there to defend them as they sat on the ground; for this posture they used, as well as lying down, and often stood on their hind feet. (...) The females were not so large as the males; they had long lank hair on their heads, and only a sort of down on the rest of their bodies, except about the anus, and pudenda. Their dugs hung between their fore-feet, and often reached almost to the ground as they walked. The hair of both sexes was of several colours, brown, red, black and yellow. (GT 269-70).

Confrontado com esta descrição, e reconstruindo rapidamente a figura observada por Gulliver com os dados que ele próprio fornece, o leitor não terá dificuldades em inferir desde logo aquilo que Gulliver virá a compreender mais tarde; que a «bestas em causa tem, na globalidade, os atributos físicos que a podem identificar com uma figura humana. Para chegar a tal conclusão,

¹⁷ SWIFT, Jonathan— *Gulliver's Travels*, Harmondsworth, Penguin Books, 1982, p. 267. (Deste ponto em diante, todas as transcrições de passos desta obra serão referendadas no Próprio texto com a abreviatura *GT* seguida do número da página).

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

contudo, Gulliver precisará que seres de outra espécie o coloquem de novo frente a frente com o «horrível monstros, e apontem as semelhanças óbvias. Levantando, então, reservas quanto à perspicácia de Gulliver (num vislumbre do autor implícito lançando o ridículo sobre o seu narrador), este episódio não deixará também de nos fazer reflectir sobre o que o pode levar a antipatizar *instintivamente* com a espécie observada — indo mesmo ao ponto de agredir um exemplar que, sem se mostrar agressivo, mas apenas curioso, se lhe atravessa no caminho:

I never beheld in all my travels so disagreeable an animal, nor one against which I *naturally* conceived so strong an antipathy. So that, thinking I had seen enough, full of contempt and aversion, I got up and pursued the beaten road (...) T had not gone far when I met one of these creatures full in my way, and coming up directly to me. The ugly monster, when he saw me, *distorted several! ways every feature of his visage, and stared as at an object he had never seen before; then, approaching nearer, lifted up his forepaw, whether out of curiosity or mischief, I could not tell.* But I drew my hanger, and *gave him a good blow* with the flat side of it. (Cr 270) ²¹.

Contrastando com um encontro tão desagradavelmente descrito, o episódio que imediatamente se segue, e no qual Gulliver conhece os surpreendentes cavalos que tanto virá a admirar, evidencia, da sua parte, uma simpatia tão inexplicável (e instintiva) quanto a aversão sentida para com os *Yahoos* (como Gulliver aprenderá a designar os animais primeiro encontrados):

I saw a horse walking softly in the field (...) The horse started a little when he carne near me, but soon recovering himself, *looked full in my face with manifest tokens of wonder: he viewed my hands and feet, walking round me several times. I would have pursued my journey, but he placed himself directly in my way, yet looking with a very mild aspect, never offering the least violence.* (GT 270-1) ²².

As reacções primeiras de Yahoo e *Houyhnhnm* (a onomatopaica designação dos cavalos) no momento do encontro são semelhantes, de uma curiosidade pouco discreta e perturbadora (especialmente no caso do cavalo), mas o juízo de Gulliver é preconceituosamente diverso, revelando-se nos termos com que relata e avalia as situações vividas. Será ainda de notar que Gulliver é o único a usar de violência, quando não concede sequer o benefício da dúvida a um gesto possivelmente inofensivo de um Yahoo — gesto idêntico, aliás, ao que ele próprio tem para o Houyhnhnm, não recebendo por isso tratamento pior do que um franzir de sobrolho e mostras de pouco agrado.

Mais claramente qualificativo das limitações de Gulliver será a rapidez com que se dispõe a tomar o comportamento dos cavalos (surpreendente, é

²¹ Sublinhados nossos.

²² Sublinhados nossos.

certo) como racional — e o modo como, era consequência, e de imediato, aceita a sua tutela:

...the first [horse], who was a dapple-grey, observing me to steal off, neighed after me in so expressive a tone, that I fancied myself to understand what he meant; whereupon I turned back, and carne near him, to expect his farther commands. (GT 271).

E quando, ainda no primeiro capítulo de *A Voyage to the Country of the Houyhnhntns*, e presumivelmente poucas horas depois da chegada a Houyhnhnmland, encontramos Gulliver a relinchar diligentemente, num esforço de aprendizagem da língua dos cavalos, a distância do narrador em relação ao leitor e ao autor implícito alonga-se ainda mais, com o início da manifestação mais séria, e também mais ridícula, da tendência sempre verificável em Gulliver para a adoção incondicional da tutela, das normas, dos pontos de vista dos seus anfitriões, nos vários locais que visita ²³. Perante o estranho espectáculo de uma casa em que servos e amos são cavalos, Gulliver confidencia: «I feared my brain was disturbed by my sufferings and misfortunes»; não será difícil partilhar do seu receio — possivelmente assumindo desde logo os padrões estéticos dos cavalos, Gulliver aprecia a «donas da casa como «a very comely mare», e em breve estará pronto a aceitar a lógica de uma situação em que se sentirá particularmente honrado por ser um criado muito «especiais de uma família de cavalos. Ter de reconhecer que os seres escravizados pelos cavalos são da sua espécie — humanos, mesmo que animallescamente degradados — causa a Gulliver uma «perpétua mortificação», não por qualquer sentimento de comiseração ou solidariedade, mas pela vergonha incapável de ser um deles — e, portanto, não (como) um cavalo.

Para que o narrador Gulliver aliene totalmente o leitor, o processo de traição da sua espécie continuará a intensificar-se. No cativo que gostosamente abraça, Gulliver reverencia o cavalo que serve, aceita sem pejo um estatuto de inferioridade biológica e intelectual, permite que as características do seu mundo sejam vistas do modo mais desvantajoso possível — e chega rapidamente ao propósito manifesto de defecção:

...I began to view the actions and passions of man in a very different light, and to think the honour of my own kind not worth managing; which, besides, it was impossible for me to do before a person of so acute a judgment as my master, who daily convinced me of a thousand faults in myself... (...) I had not been a year in this country before I contracted such a love and veneration for the inhabitants, that I entered on a firm resolution never to return to human kind, but to pass the rest of my life among these admirable Houyhnhnms... (GT 305).

²³ Para Ronald Paulson (op. cit., p. 163) estabelecendo relações entre o romance picaresco e *Gulliver's Travels*, «Like the pícaro, who assumes the values of his masters, Gulliver ends by assuming the values of the people he visits»—e tais ajustamentos serão outros tantos modos de expor os vícios de vários dos «amos».

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

Atingiu-se, literalmente, o ponto do qual já não há retorno (voluntário) — situação nunca criada nas três viagens anteriores, por muito que Gulliver admirasse os seus anfitriões (*A Voyage to Brobdingnag* poderá, a propósito servir de exemplo contrapontual). A expressão mais conclusiva da alienação pode agora ter lugar;

When I thought of my family, my friends, my countrymen, or human race in general, I considered them as they really were, Yahoos in shape and disposition (...) When I happened to behold the reflection of my own form in a lake or a fountain, I turned away my face in horror and detestation of myself, and could better endure the sight of a common Yahoo than of my own person. (*GT 327*).

A aversão, não só à espécie humana/Yahoo em termos gerais e abstractos, mas a cada indivíduo²⁴, faz de Gulliver, decisivamente, um «opositor»; e o ridículo, a outra vertente da sua distanciação, definirá os aspectos mais evidentes da sua conversão às normas equinas, que o acompanham no involuntário regresso à Europa:

By conversing with the Houyhnhnms, and looking upon them with delight, I fell to imitate their gait and gesture, which is now grown into a habit, and my friends often tell me in a blunt way, that *I trot like a horse*; which, however, I take for a great compliment... (*GT 327*).

Tais «tiques» comportamentais são, contudo, apenas o reflexo superficial e mais inofensivo de uma aculturação moralmente profunda e com manifestações «ofensivas» (lembremo-nos que um condicionamento do seu ponto de vista era, das experiências anteriormente vividas, aquilo que ficava *temporariamente* com Gulliver — o medo de esmagar os transeuntes adquirido entre os Lilliputianos, a surpresa perante a pequenez dos seus compatriotas, após a estadia em Brobdingnag). Mais grave será a crueldade e a frieza a militarista;» de Gulliver em relação à sua espécie, como quando considera a possibilidade de se servir de matérias extraídas das carcaças de Yahoos —

I considered that my clothes and shoes would soon wear out, (...) and must be supplied by some contrivance from the hides of Yahoos or other brutes (*GT 283*),

hipótese «para-canibalística» que virá a pôr em prática:

I soled my shoes with wood which I cut from a tree, and fitted to the upper leather, and when this was worn out, I supplied it with the skins of Yahoos dried in the sun. (*GT 324*).

²⁴ Será de notar que Swift, na carta citada em (3), declarava odiar «o animal chamado Homem - amando embora *individuos* («. John, Peter, Thomas and so forth»).

RUI CARVALHO HOMEM

A auto-satisfação com tanto engenho e indústria conduzirá mesmo a formulação sentenciosa de uma «moral»:

No man could more verify the truth of these two maxims, *That nature is very easily satisfied*; and, *That necessity is the mother of invention*. I enjoyed perfect health of body and tranquility of mind. (Gr 324).

Com a mesma «paz de espíritos, Gulliver levará ainda os mesmos procedimentos a requintes cumulativos de crueza, no momento em que for forçado a deixar Houyhnhnmland:

I finished a sort of Indian canoe, but much larger, covering it with the skins of Yahoos well stitched together, with hempen threads of my own making. My sail was likewise composed of the skins of the same animal; but I made use of the youngest I could get, the older being too tough and thick, and I likewise provided myself with four paddles. ... [I stopped] all the chinks with Yahoos' tallow, till I found it staunch, and able to bear me and my freight. And when it was as complete as I could possibly make it, I had it drawn on a carriage very gently by Yahoos, to the sea-side. (GT 330).

Prefigurando os horrores irónicos de *A Modest Proposal*, os passos citados dificilmente deixarão dúvidas quanto ao juízo que nos é proposto acerca do narrador, em especial se tivermos em conta que o parentesco entre Gulliver e os Yahoos fora confirmado por circunstâncias mais profundamente esclarecedoras do que a mera semelhança física. A imagem de Gulliver com uma criança Yahoo nos braços servira para lhe atribuir um estatuto de epai potencial», prontamente acentuado pela marca que a cria entendeu deixar:

While I held the odious vermin in my hands, it voided its filthy excrements of a yellow liquid substance all over my clothes (GT 313);

e o episódio no qual Gulliver é vítima de uma tentativa de violação por parte de uma fêmea Yahoo força-o a reconhecer a identidade que desejaria renegar:

This was matter of diversion to my master and his family, as well as of mortification to myself. For now I could no longer deny, that I was a real Yahoo in every limb and feature, since the females had a natural propensity to me as one of their own species. (GT 315)²⁵.

A aversão à cria e a repulsa ao contacto sexual com a fêmea Yahoo antecipam a rejeição de mulher e filhos: para Gulliver, o regresso ao *habitat* familiar não significará um reassumir de valores humanos. Cometendo, pelo

²⁵ «When the Yahoo girl leaps upon [Gulliver], she is really saying, with an irony Nathan never intended, thou art the man, *Ecce homo*». (REILLY — op. cit., p. 194).

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

contrário, o erro de transpor para o seu país e a sua casa normas só viáveis em Houyhnhmland, Gulliver só pode sentir pela sua família sódio, repulsa e desprezo»:

And when I began to consider, that by copulating with one of the Yahoo species, I had become a parent of more, it struck me with the utmost shame, confusion and horror. (GT 338-9),

A imagem ácida e ridícula do feroz misantropo completa-se quando nos diz do prazer com que relincha, quatro horas por dia, na companhia dos seus grandes (e únicos) amigos — dois cavalos de estábulo, dos quais afirma com orgulho: «My horses understand me tolerably well...».

Sobejam, como se torna óbvio, os exemplos que tornariam particularmente flagrante a identificação simples da «voz» do narrador com um ponto de vista autorial: a aceitação da competência literária de Swift tem de incluir a necessidade de uma diferenciação pela qual se compreende a distância entre Gulliver e uma «centralidades normativa».

Comentando o plano que determinara *Gulliver's Travels*, Swift declarou: «Upon this great foundation of Misanthropy (though not Timons manner) The whole building of may Travells is erected»²⁶. Mas a misantropia de Lemuel Gulliver é a de um Timon (qualquer cura ou consolo parece impossível), agravada pelo pecado que, na tradição Humanista e Cristã (na qual Swift é tantas vezes inserido) era particularmente verberado — o pecado que esteve na origem da Queda (do Homem, como de Anjos); o pecado que se faz anunciar logo no início do relato, quando a triste sorte do Capitão Pocock é comentada («He was an honest man, and a good sailor, but a little too positive in his own opinions, which was the cause of his destruction, as it hath been of several others» — GT 267): o Orgulho, que leva Gulliver a colocar-se ao lado dos tão-admirados Houyhnhnms, mirando a sua espécie com um desprezo aristocrático. Como que aspirando a elidir um dos pólos da dualidade peculiar ao Homem na cadeia do Ser, pensando talvez poder libertar-se do que é sensual e ascender à inteligência pura e à racionalidade absoluta — ao mesmo tempo que acredita terem todos os outros homens sofrido a degradação que os torna irracionalmente Yahoos — Gulliver é vítima da sua própria mediania (que implica a falibilidade), que, como aponta Samuel Holt Monk, o vulnerabiliza e lhe ensina a «gratidão do Fariseu»: aquele que dá graças ao seu Senhor «por não ser como os outros homens»²⁷.

As viagens anteriores poderiam ter ensinado a Gulliver a validade relativa de crenças e hábitos (uma lição simbolicamente ilustrada pelas dimensões de Lilliput e Brobdingnag). Mas algo que se toma a pouco e pouco evidente é que Gulliver não aprende com a experiência: particularmente das duas primeiras viagens, aquilo que traz consigo é apenas um conjunto de *souvenirs* mais ou menos exóticos, e os maneirismos passageiros do estrangeirado — sendo sintomática, afinal, a insatisfação que o leva a partir de

²⁶ Ver nota (1).

²⁷ Ver: MONK — op. Cit., p. 129.

novo (para que as lições mais amplas possam ser extraídas pelo leitor, será necessário que o não sejam pelo narrador e protagonista, forçado por essa necessidade a viajar?).

Perante a *Verdade* que pensa descobrir em Houyhnhnmland, Gulliver rende-se incondicionalmente; o «símbolo da humanidade, o ingénuo «representante humano» («more painfully ourselves than any other creation of his century»²⁸) vive a ilusão da descoberta, a experiência que julga ser total e definitiva, mas que (constituindo porventura um mundo distorcido e parcial) faz dele simultaneamente motor e objecto de uma sátira acerca da qual seriam pertinentes palavras dirigidas por Ronald Paulson a um outro texto: «The whole meaning, or effect, of the satire has to include the outrageous intensity of the speeches as well as the realization that they are excessive, uttered by a fool»²⁹.

2. Alteridade e Ironia

A alegoria satírica com a qual Swift manifestava o desejo (talvez não sem um trejeito irónico) de converter «todos os homens honestos» à sua opinião sobre o «animal (dito) racional»³⁰ desenrola diante do leitor um quadro, não só das loucuras e vícios das sociedades humanas, como de modos diversos pelos quais é possível executar a punição satírica que tal panorama requer. Na viagem imaginária e multi-axial que leva o seu ingénuo herói a empreender — em torno e em demanda do Homem — Swift conduz-nos também ao longo do várias tonalidade satíricas, do ridículo relativamente bem-humorado, passando pelo comentário sardónico que esconde a custo uma ira dificilmente controlável, às duplicidades da omnipresente ironia.

As duplicidades em *Gulliver's Travels* desenvolvem-se, desde logo, pela apropriação das convenções da narrativa de viagens, «contras a qual se constrói. Com uma fingida gravidade, Swift encarrega o seu narrador de nos fornecer todos os detalhes necessários para tornar «incontestáveis a «verdades, do seu relato, preocupação evidenciada de várias formas³¹: desde os pequenos mapas apensos a cada *Viagem*, ao pormenor biográfico, toda a parafernália da tradição parodiada pode aqui ter lugar. Obviamente, alguns dos dados fornecidos traem de imediato o fingimento por detrás da seriedade ostensiva, lembrando-nos que, sendo embora propósito confesso de Swift «to vex (...) rather than divert»,

²⁸ GOLDEN, Morris — *The Self Observed — Swift/Johnson/Wordsworth*. Baltimore and London, The Johns Hopkins Press, 1972, p. 49; «What makes Gulliver so terrifying is the curiously disturbing way in which he is presented as the human representative, for the book's startling changes of environment reveal him as lacking in any fixed or permanent characteristics; short or tall, clean or unclean only by comparison, a giant among Liliputians, a Liliputian among giants, an animal among Houyhnhnms, a horse among men.» (REILLY—*op. cit.*, p. 17).

²⁹ PAULSON — *op. cit.*, pp. 77-8.

³⁰ Ver nota (1).

³¹ «Preocupação» também manifestada através das duas «cartas» que Swift fez publicar conjuntamente com o texto de *Gulliver's Travels (A Letter from Captain Gulliver to his Cousin Sympson e The Publisher to the Reader)*, assim como no último capítulo da obra.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

o elemento de pura diversão não deixa nunca de estar presente — podendo ser, aliás, condição de sucesso do texto satírico.

No primeiro parágrafo da IV Viagem, a informação factual alterna com considerações sentenciosas por parte do narrador («...if I could have learned the lesson...», «...if he had followed my advice...») que contribuem para a imagem de simplicidade de um Gulliver apegado à minúcia, à pequena reflexão moralizante, incapaz de discernir a relativa irrelevância de informação que é parte integrante da sua «verdade». Actualiza-se, assim, aquilo que Kathleen Williams designou como «estratégia típica de Swifts: «...to adopt a way of writing which reveals a way of thinking. The parody of a literary style becomes a parody of a mental style»³² — processo que justifica a criação de uma *persona* que se vai traindo (que vai sendo traída pelo seu criador) em moldes que já apontámos.

Mais importante, contudo, do que os múltiplos e incidentais momentos que vitimam Gulliver, é a vasta ironia das situações que o perseguem e lhe definem a Sorte, enquanto homem e viajante; precisamente, a *viagem* (por mar), símbolo potencial de libertação e de vivências maravilhosas, traduzir-se-á para Gulliver, possuído da «sede de ver o mundo», e reconhecendo ter sido «condenado pela Natureza e pela Fortuna a uma vida activa e inquieta»³³, na via de sempre renovados cativeiros — um Destino que parece inescapável.

As circunstâncias que se desenrolam *no mar*, e que conduzem ao contacto com os vários países — as várias prisões — que visita, são, para além disso, cumulativamente mais graves no que revelam sobre comportamentos humanos; se, na I Viagem, Gulliver é arremessado à costa de Lilliput pela fúria do mar (sem qualquer responsabilidade humana), na II Viagem é já abandonado em Brobdingnag pelos seus companheiros (embora, ainda, acidentalmente, e com culpa e responsabilidade suas); na III Viagem, Gulliver torna-se uma vítima da crueldade dos homens, quando é atacado e posto à deriva por piratas, e, por último, no problemático *Voyage to the Country of the Houyhnhnms*, a violência e traição de subordinados seus condenam-no à perda do comando do seu navio e ao abandono numa terra desconhecida, com reduzidas possibilidades de sobrevivência.

Ao irradiarem Gulliver da sociedade dos homens, quer física, quer moralmente (revelando-lhe as feições mais negras da natureza humana), os malfeitores do *Adventure* porporcionam-lhe uma experiência que antecipa a descoberta a fazer em Houyhnhmland: por mais uma ironia de situação, Gulliver é abandonado por brutos, *moralmente* deformados — para encontrar, momentos depois, brutos semelhantes, que exibem, *no carpo*, a mesma deformidade e fealdade.

Ao ser incapaz, contudo, de estabelecer de imediato a identidade da espécie (no que se inferiorizará ao leitor, como atrás vimos), Gulliver constitui um ponto de vista especialmente «esclarecedor» — porque distanciado. A descrição que nos dá dos Yahoos corresponde à visão de um *outsider*, podendo o autor jogar com as percepções de um narrador ainda «inocentes, sobrepostas à descoberta antecipada feita pelo leitor. O olhar que Gulliver lança sobre

³² WILLIAMS — *op. cit.*, pp. 3-4

³³ Ver: SWIFT — *Gulliver*, pp. 121, 195.

os Yahoos e o da surpresa (horrorizada) de quem se colocou noutra ângulo (destacando-se de si próprio e de todos nós), e vê, como se peia primeira vez, realidades que para o observador comum foram excessivamente cosmetizadas por uma capa de familiaridade cuja remoção é tarefa mestra da sátira. Simultaneamente, e ao retardar a «perda da inocência» (a Queda?) de Gulliver, consegue-se um impacto acrescido para o instante terrível em que, confrontado no estábulo com a besta repugnante, o viajante europeu compreender que está, no fundo, a olhar para um espelho; um espelho cuja «verdade» Gulliver se verá impossibilitado de negar (por incapacidade própria, ou pelo carácter incontestável da identidade estabelecida?).

Este processo de distanciamento, de construção de um ponto de vista exterior e (pretensamente) livre de condicionamentos prévios, é relacionado por Morris Golden com a epistemologia lockeana— tão potente na mentalidade setecentista inglesa:

Wherever we look in the period, we are reminded that its guiding epistemological concept is Locke's divided mind, one part operating on signals from without and one observing these operations. The image, or rather the sense, of a separated observing self is a shaping element of the century's consciousness, a part of its literary attitude and expectation...³⁴.

É esta uma imagem activa ao longo de *A Voyage to the Country of the Houyhnhnms*, actualizada sempre que Gulliver, perante a necessidade de expor ao seu «amo» circunstâncias e objectos desconhecidos em Houyhnhnmland, recorre a construções perifrásticas e a outros modos de explicação «ingénuos», ostensivamente determinados peia vontade de apresentar uma versão desapaixonada dos factos.

Se, nas instâncias mais simples, este «efeito de alienação» servirá apenas a paródia localizada, gratuita e incidental,

(I came over the sea from a far place, with many others of my own kind, in a great hollow vessel made of the bodies of trees),
GT 281,

quando o grande quadro dos hábitos e mentalidades da Europa começar a ser exposto, o relato simplista e esquelético de Gulliver consegue a distorção caricatural tão útil à sátira, e veicula juízos indignados sobre comportamentos e instituições, votados agora à corrosão satírica exercida sob as sempre fingidas objectividade e frieza. As diferenças religiosas, por exemplo, são apresentadas pelas suas manifestações mais superficiais e mesquinhas— mas também mais emblemáticas e imediatamente visíveis:

Difference in opinions hath cost many millions of lives: for instance, whether flesh be bread, or bread be flesh; whether the juice of a certain berry be blood or wine; whether whistling be a vice or a

³⁴ GOLDEN — *op. cit.*, pp. 10-11.

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

virtue; whether it be better to kiss a post, or throw it into the fire; what is the best colour for a coat, whether black, white, red or grey; and whether it should be long or short, narrow or wide, dirty or clean, with many more. (GT 292).

A simplificação, exigida pela necessidade de Gulliver se colocar na perspectiva de um ouvinte exterior e distante, servirá ainda para realçar a irracionalidade da guerra

(...the trade of a soldier is held the most honourable of all others: because a soldier is a Yaboo hired to kill in cold blood as many of his own species, who have never offended him, as possibly he can. — (GT 293),

e apontar o esvaziamento de conceitos como Lei e Justiça, através da «tentativas de explicação do que desafia toda a linearidade lógica — e ética:

...if my neighbour hath a mind to my cow, he hires a lawyer to prove that he ought to have my cow from me. I must then hire another to defend my right, it being against all rules of law that any man should be allowed to speak for himself. Now in this case, I who am the true owner lie under two great disadvantages. First, my lawyer, being practiced almost from his cradle in defending falsehood, is quite out of his element when he would be an advocate for justice, which as an office unnatural, he always attempts with great awkwardness, if not with ill-will. The second disadvantage is, that my lawyer must proceed with great caution, or else he will be reprimanded by the Judges, and abhorred by his brethren, as one who would lessen the practice of the law. (GT 295-6).

Uma vez definidos os contornos básicos do mundo de onde provém, Gulliver vai rapidamente descobrir que o seu esforço narrativo não precisa de se particularizar: tendo ao alcance da visão os Yahoos, o seu ouvinte Houyhnhnm reconhecerá sem dificuldade coincidências que reforçam a convicção de que o humano-europeu e o Yahoo são uma e a mesma criatura. Os Yahoos, com o seu primitivismo selvagem e alheio a cosméticas de civilização, serão vistos como campo de observação ideal para o estudo dos comportamentos humanos — que o «amo» de Gulliver conclui, então, já conhecer. A partir desse momento, as posições invertem-se: é Gulliver a ter a possibilidade de aprender algo mais acerca do seu mundo, com os comentários do seu anterior ouvinte; noutros termos, o ponto de vista externo e distanciado deixa de estar dependente do esforço de Gulliver, para se autonomizar, alojado numa entidade que nos é física e biologicamente alheia.

Como ponto extremo da misantropia que se desenvolve em conjugação com o ponto de vista «alienado», uma das feições mais permanentes da sátira swiftiana atinge pleno desenvolvimento; o corpo visto como sórdido e repugnante, as suas funções primárias repetida e obsessivamente evocadas. A repulsa pontua desde o início a descoberta por Gulliver da «verdadeira» natureza do Homem.

O primeiro contacto (visual) que tem com os Yahoos comunica-lhe uma desagradável impressão de fealdade; o contacto físico será também estabelecido, primeiro, por uma agressão — e depois, na resposta, quando as «bestas imundas» não mostrarem qualquer hesitação em defecar abundantemente sobre a sua cabeça: a imagem excremental não mais deixará de lhes ser associada. Igualmente, a voracidade dos Yahoos, especialmente concentrada em repugnantes pedaços de carne (como que a acentuar a sua natureza predatória) define de forma paradigmática a avidez e o excesso observável em todos os seus actos — *excesso* que o satirista não resistirá a apontar como causa da única doença concebível em Houyhnhnmland, num passo terrível em que alimentação e excreção se concentram e fundem, dando azo a uma (solícita) «modesta proposta»:

...the Yahoos were the only animals in this country subject to any diseases; (...) contracted not by any ill-treatment they meet with, but by the nastiness and greediness of that sordid brute. (...) the cure prescribed is a mixture of their own dung and urine forcibly put down the Yahoo's throat. This I have since often known to have been taken with success, and do here freely recommend it to my countrymen, for the public good, as an admirable specific against all diseases produced by repletion. (GT 309-10).

Corolário evidente da repulsa pelo corpo, o horror à sexualidade encontrará justificação no comportamento das fêmeas Yahoo, que (em mais uma possível recorrência da famosa misoginia swiftiana, fonte de tanta especulação biográfica e psicanalítica) cumprem a arquetípica função da tentadora, e proporcionam a Gulliver outra conclusão sentenciosa:

...a female Yahoo would often stand behind a bank or a bush, to gaze on the young males passing by, and then appear, and hide, using many antic gestures and grimaces, at which time it was observed, that she had a most *offensive smell*; (...) I could not reflect without some amazement, and much sorrow, that the rudiments of *lewdness, coquetry, censure, and scandal*, should have place by instinct in womankind. (GT 311-12).

Nos comportamentos sexuais, os «Yahoos» da Europa confirmarão, afinal, o juízo que o porta-voz de Houyhnhnmland a dado momento formula: usufruir de uns rudimentos de Razão (a única diferença abertamente reconhecida entre humano e Yahoo) terá contribuído apenas para agravar as «corrupções naturais» e desenvolver outros vícios.

A recusa de qualquer virtude física ou moral ao Homem passa ainda pela aceitação de uma hipótese que retira a base à dignidade do ser humano, como ela é concebida de uma perspectiva judaico-cristã: admitindo a possibilidade de o Homem ter sido produto de «the heat of the sun upon corrupted mud and slime» (GT 319), parodia-se o mito da Criação do Homem no *Génesis* (criado do barro pelo sopro de Deus), faz-se da origem um evento ocasional (e não um desígnio da Divindade, ao formar o Rei da Criação à sua imagem e semelhança), acidente que gera um ser *originalmente* corrupto

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

— para o qual não pode haver *Queda*, porque nasceu já do que de mais baixo existe.

Descer aos extremos do Absurdo e da Misanthropia, para — presumivelmente de uma pose irónica — convencer o leitor de uma Verdade à qual tudo o resto se sacrifica, pode, contudo, trair os objectivos da sátira. De facto, a efectivação do intento satírico implica fazer vítimas, mas também criar cúmplices; «...the essence of successful satire [is] to get your victims 'hopping mad' and your audience 'laughing their heads off»³⁵. Que acontecerá, porém, quando *todos* somos vítimas? Tendo embora em conta que a essência da sátira é ostracizante — «...satire excludes more people from the society of the blessed at the end than does comedy»³⁶ — que poderemos pensar quando *ninguém* escapa à exclusão da «comunidade dos Eleitos», como sucede no final de *A Voyage to the Country of the Houyhnhnms*? E qual a sociedade verdadeira de que nos «deveria» ser dado um vislumbre, uma promessa, no fim do túnel da sordidez humana? O que corresponde a renovar a pergunta que temos vindo a perseguir: será possível encontrar uma *norma* sólida, e claramente representada por uma das entidades com que o texto nos confronta?

3. Animal Hinnibile

Ostensivamente exaltados como seres exemplares, detentores de padrões que deslumbram e convertem um *humanum genus* errante chamado Gulliver, os «sublimes» Houyhnhnms representam, contudo, atitudes e propostas das quais o leitor é progressivamente levado a distanciar-se. Os modos como a sua desautorização é conseguida assentam, desde logo, no próprio facto de se tornarem os modelos de um narrador de reduzida fidedignidade (como atrás apontámos) — o que leva, obviamente, à difícil aceitação incontestada mesmo de dados que Gulliver proponha como totalmente positivos.

O processo de afastamento dos Houyhnhnms em relação a uma (nebulosa) norma implícita poderá começar a evidenciar-se numa breve menção de Gulliver, surgida num dos primeiros capítulos, e formulada em tom elogioso, a propósito das dificuldades encontradas na aprendizagem e inventariação do «sistema linguístico» Houyhnhnm:

...I formed all I learned into the English alphabet, and writ the words down with the translations. This last, after some time, I ventured to do in my master's presence. It cost me much trouble to explain to him what I was doing; for *the inhabitants have not the least idea of books or literature.* (GT 281).

Não só não é crível que uma obra literária faça seriamente a apologia da não-existência de «livros ou literaturas, como esse mesmo facto denuncia de

³⁵ POLLARD — *op. cit.*, p. 12.

³⁶ PAULSON — *op. cit.*, p. 7 (comentando concepções de Northrop Frye).

imediatamente uma das limitações flagrantes... dos cavalos de Houyhnhnmland (como, presumivelmente, de quaisquer outros...): uma total falta de inventividade e de capacidade imaginativa, derivando de sérias deficiências de percepção. Tendo algumas contrapartidas positivas («...they have no word in their language to express lying or falsehood...»—GT 218), essa esterilidade imaginativa deixará os Houyhnhnms impossibilitados de *conhecer* quaisquer objectos ou conceitos que não participem da sua limitada experiência e não estejam fundados nas suas «verdades», nunca questionadas — ou questionáveis:

He knew it was impossible that there could be a country beyond the sea, or that a parcel of brutes could move a wooden vessel whither they pleased upon water. (GT 281).

A ausência de humildade intelectual assim revelada encontra confirmação no modo como os mesmos seres se auto-designam:

The word *Houyhnhnm*, in their tongue, signifies a *horse*, and in its etymology, the *Perfection of Nature*. (GT 281).

Que os estreitos dogmas dos Houyhnhnms não poderiam vir alguma vez a ser postos em causa comprova-o a inexistência, no seu país, da *dúvida* — factor essencial à progressão do Conhecimento:

My master heard me with great appearances of uneasiness in his countenance, because *doubting* or *not believing*, are so little known in this country, that the inhabitants cannot tell how to behave themselves under such circumstances. (GT 286).

Se os «racionais» cavalos conseguem compreender Gulliver é apenas porque encontram a necessária referência na *sua* própria realidade — os Yahoos, pelos quais tudo o que concerne a Gulliver será aferido. Mas, desse modo, cometerão de imediato erros básicos nos seus juízos sobre o Homem; o mais flagrante — porque objectivamente mensurável, e não dependente de valorações morais — surgirá no momento em que, comentando do seu ponto de vista externo as características do corpo humano, qualificaram como uma «óbvia» desvantagem aquilo que possibilitou ao Homem distinguir-se dos outros primatas e, enquanto espécie, dominar o Mundo — a posição erecta:

...considering the frame of our bodies, and especially of mine, he thought no creature of equal bulk was so ill-contrived for employing that Reason in the common offices of life; (...) He said, I differed indeed from other Yahoos, being much more cleanly, and not altogether so deformed, but in point of real advantage, he thought I differed for the worse. (...) That I could not walk with any security, for if either of my hinder feet slipped, I must inevitably fall. (GT 288-9).

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

As peculiaridades e limitações dos Houyhnhnms articulam-se, em boa medida, com aspectos que contribuem para colocar a IV Viagem (como *Gulliver's Travels* na sua totalidade) na tradição da literatura utópica³⁷. Algumas das características mais permanentes dessa tradição manifestam-se desde o início — nomeadamente na descrição da paisagem natural; dando os seus primeiros passos em Houyhnhnmland, Gulliver descobrirá tratar-se de um local onde a ordem e a abundância reinam — um local onde as árvores crescem *naturalmente* organizadas em filas («...the land was divided by long rows of trees, not regularly planted, but naturally growing...» — GT 269). Áreas marcantes da vida e dos costumes dos cavalos irão revelar o domínio incontestado da *Razão* e da *Natureza*, como os dois grandes eixos e valores dos quais não há desvio ou desobediência concebível. Em consequência, o Estado é não só supérfluo mas inexistente, como supérflua seria uma Autoridade alojada apenas nalguns indivíduos. A Lei é o resultado, não de qualquer código escrito, mas do consenso que em todas as circunstâncias se verifica — rompido apenas, significativamente, a propósito dos Yahoos, única nota falsa na harmonia geral, única fonte do *vício* e da *desordem* (possíveis no plano das Paixões, mas inconcebíveis para seres exclusivamente racionais). A auto-suficiência económica torna desnecessários o dinheiro ou o comércio (que apenas a extravagância e o luxo justificariam); a frugalidade faz de Houyhnhnmland o país onde não há doenças.

Contudo (e voltando ao cerne da questão) é difícil não encarar várias das qualidades descritas por Gulliver como particularmente desagradáveis — resultado embaraçoso da própria pureza utópica. A simples combinação Natureza-Razão não prevê a existência de ligações emocionais, ou de qualquer afeição dirigida a indivíduos, tirando sentido aos laços familiares:

They have no fondness for their colts or foals, but the care they take in educating them proceedeth entirely from the dictates of *Reason*. And I observed my master to show the same affection to his neighbour's issue that he had for his own. They will have it that Nature teaches them to love the whole species, and it is *Reason* only that maketh a distinction of persons, where there is a superior degree of virtue. (GT 316).

Considerações idênticas determinam o modo como são efectuados os casamentos; o sexo, pelo qual os Houyhnhnms manifestam pouco interesse, justifica-se apenas pela necessidade de manter a espécie, sendo o crescimento demográfico perfeitamente controlado: *tudo* é estável em Houyhnhnmland.

³⁷ Tradição designada, precisamente, a partir de uma das figuras históricas que Swift, aparentemente, mais admirava; em *A Voyage to Laputa* (a viagem de Gulliver na qual a distância entre autor e narrador parece menor), Gulliver pede ao Governador de Glubbdubdrib (dotado de artes mágicas) para convocar os fantasmas de grandes homens do Passado: «I had the honour to have much conversation with Brutus; and was told that his ancestor Junius, Socrates, Epaminondas, Cato the younger, Sir Thomas More and himself, were perpetually together: a sextumvirate to which all the ages of the world cannot add a seventh.» (Swift — *Gulliver*, p. 241 — sublinhado nosso).

A total ausência da pressão das Paixões deixa os Houyhnhms indiferentes à Vida, como à Morte — sem manifestações de alegria ou desgosto. Poderíamos tomar um pormenor que Gulliver relatava num dos primeiros capítulos como emblemático dessa atitude básica: em Houyhnhmland não há *sal* (como não haverá seja o que for que estimule os sentidos); mas o sal é símbolo de *Vida*, e é crível que George Orwell tivesse isso em mente ao escrever, num seu ensaio de 1950: «...the 'reason' by which the Houyhnhms are governed is really a desire for death», ao que poderíamos sobrepor, quase jogando com as palavras, um comentário de F. R. Leavis: «...the Houyhnhms may have all the reason, but the Yahoos have all the life»³⁸.

Desconhecendo todos os vícios das sociedades europeias, Houyhnhmland constrói-se por oposição ao mundo de onde Gulliver provém, e grande parte do efeito satírico assenta numa *inversão* potencialmente cómica (e tão característica da literatura utópica)³⁹, manifesta em imagens tão potentes como a da carruagem puxada por Yahoos (com os seus contornos humanos) e na qual se deslocam cavalos. Serão precisamente comportamentos como estes que introduzem o ridículo no quadro dos Houyhnhms — cavalos que viajam de coche, se sentam sobre os quartos traseiros (sabendo estar à mesa «com muita decência»), e se cumprimentam com um aperto de cascos: a óbvia não-adequação das atitudes, mera cópia de convenções humanas (europeias), ganha uma tonalidade fortemente irónica quando nos lembramos das alongadas considerações do «amos de Gulliver sobre a reduzida funcionalidade do corpo humano para as tarefas que dele seriam requeridas.

A validade normativa é negada aos cavalos da IV Viagem, também eles meio e alvo da sátira — processo que se vai, afinal, estendendo às várias entidades e mundos com que somos confrontados, num sucessivo retirar de suportes (e simpatias), de modo mais directo ou mais dissimulado: a Gulliver, ao seu/nosso mundo, aos Houyhnhms e à sua proposta utópica (e a nós próprios enquanto leitores, se a irresolução em que somos colocados nos preocupar). Uma excepção possível seria a de uma personagem como Don Pedro de Mendez — o capitão português que «salva» Gulliver, forçando-o (não pela violência, mas pela amabilidade e pela argumentação moral) a voltar à pátria e à família — não fosse a excessiva brevidade da sua «passagem» pelo texto, justificável mais em função do próprio Gulliver (como um útil contraponto ocasional, e revelador da irracionalidade misantrópica do protagonista) do que para ocupar as nossas atenções seriamente.

Talvez tenhamos de aceitar, enfim, a sugestão de Arthur Pollard, segundo o qual «...Swift's signposts are too subtly painted or, more serious still, (...) they are in the wrong places»⁴⁰, questionando a busca obsessiva, por sectores da crítica, do «sentido único» de leitura.

³⁸ ORWELL, George — *Politics vs. Literature: an examination of 'Gulliver's Travels' 11950*, «Swift: Modern Judgements», org. A. Norman Jeffares. London, MacMillan and Co Ltd. 1968. p. 104; LEAVIS, F. R. — *The Irony of Swift*, «Swift — A collection of Critical Essays», org. Ernest Tuveson. Englewood Cliffs. N. I., Prentice-Hall Inc., 1964, p. 26.

³⁹ Ver; MORTON, A. L. — *The English Utopia*, London, Lawrence & Wishart Ltd, 1969, pp. 27-8.

⁴⁰ POLLARD — *op. cit.*, p. 37.

4. Multiplicidade e Irresolução

Na grande diversidade de opiniões que *A Voyage to the Country of the Houyhnhnms* tem suscitado, mesmo os poucos pontos que parecem reunir um certo consenso poderão vir a revelar-se base pouco sólida, e fonte de novas discordâncias.

Aceitando que Swift seja visto como um autor preocupado de maneira relevante com grandes problemas filosóficos ou teológicos", afirmar que *Gulliver's Travels*, e a IV Viagem em particular, se prendem com a definição do Homem (interesse característico do séc. XVIII), gerará uma relativa concordância — que, porém, é rompida no momento de «decidir» qual a imagem do Homem que de facto nos é proposta. Mesmo no discutível plano das intenções autorais, a tão citada afirmação de Swift — «...I have got Materials Towards a Treatise proving the falsity of that Definition *animal rationale*; and to show it should be only *rationis capax*»⁴² — pode ser lida como manifestando a crença pessimista de que o Homem não merece o estatuto de privilégio que tradicionalmente reclamou para si próprio, como pode ser considerada uma provocação no sentido de levar os homens a rever comportamentos que os afastam de uma superioridade na qual o Cristão e o Humanista não poderiam deixar de acreditar... (uma situação, enfim, a que aludimos em *Introdução*).

Para os defensores de uma leitura «não-céptica» do texto, nem a racionalidade absoluta dos Houyhnhnms deverá ser tomada como um ideal desejável, nem os Yahoos poderão ser entendidos como a verdadeira imagem do ser humano — mas, tão somente, como os pólos entre os quais o Homem se deverá colocar, num equilíbrio consentâneo com a peculiaridade da sua situação na cadeia do Ser. Yahoo e Houyhnhnm representarão, respectivamente, os elementos de pura sensualidade e pura racionalidade que, em circunstâncias ideais, se deveriam inter-equilibrar no ser humano. Os cavalos admirados por Gulliver constituirão, portanto, um contraponto deliberadamente forçado, uma alternativa ridícula a um excesso terrível — de cedência às paixões, à natureza animal — que leva o satirista a agir⁴³. Desta perspectiva crítica, *A Voyage to the Country of the Houyhnhnms* não só não será um texto de modo algum «problemáticos, como apontará mesmo «um ideal Cristão positivos », alojado num meio-termo ideal, motor e produto da resolução das dualidades.

⁴¹ Alguns críticos tendem para a consideração de que a sátira swiftiana (e a sátira Tory em geral) se prenderá com problemas *concretos*, e não com questões de ordem especulativa, que Swift viria como fúteis e irrelevantes — uma posição que parece ser defendida, por exemplo, por Louis I. Bredvold, num ensaio que já citámos. Pelo contrário, Patrick Reilly, numa obra recente que temos vindo a referir, dá relevo à colocação de Swift face a grandes problemas do Pensamento da sua época.

⁴² Ver nota (1).

⁴³ Ver: MONK —op. cit., pp. 117, 125.

⁴⁴ Ver: WILLIAMS. Kathleen M., *Gulliver's Voyage to the Houyhnhnms (1951)*, «Swift — Modern Judgements», org. A. Norman Jeffares, London, MacMillan and Co Ltd 1968, p. 257.

Porém, nada parece conferir solidez a esse meio-termo ideal, que poderá ser apenas produto da «boa-vontade» de muitos críticos. O facto de os alvos potenciais da nossa simpatia serem sucessivamente desacreditados não implica um recomendar da conciliação (talvez impossível) entre polaridades (quase) igualmente repugnantes — podendo, pelo contrário, deixar-nos numa terra-de-ninguém não esclarecida pela nebulosidade da «norma implícita»...

No outro pólo das posições críticas, essa circunstância reforçará argumentos para a leitura da IV Viagem como um texto de desespero, no qual o impacto da concentração de imagens sórdidas e violentas sobreviverá (ganhando até uma maior pungência) ao reconhecimento da alienação do narrador.

O recurso ao estudo dos contextos não contribuirá necessariamente para a definição da imagem de Swift como o Cristão bem-intencionado ao qual não pode faltar a Esperança: a sua afinidade com sectores políticos desfavorecidos pela ascendência *Whig* e do *moneyed interest*, em relação aos quais manterá sempre uma oposição tornada ainda mais amarga pela problemática irlandesa; o descontentamento manifestado, da sua posição de Anglicano conservador com a sombra do séc. XVII no espírito, em relação ao evoluir da situação religiosa; a aversão ao Optimismo filosófico, que afirmava a prevalência, a todos os níveis, da harmonia que Newton descobrira noutros âmbitos do Universo (numa concepção que tornava pouco claro o lugar atribuível a Deus...), assim como a bondade intrínseca da natureza humana⁴⁵ — todos estes factores poderão ser invocados para apoiar juízos como o que George Orwell formulou (talvez com excesso de confiança): «...no one would deny that *Gulliver's Travels* is a rancorous as well as a pessimistic book...»⁴⁶.

Ao atribuir grande parte desse rancor a ressentimentos pessoais de Swift (o seu interesse pela interrelação entre as «lealdades políticas de Swift» e o seu «desespero fundamentais é explicitado), Orwell poderá estar a cometer alguns dos erros que um outro crítico, também nos anos cinquenta, viria a apontar como estando na base do que considerava uma séria deturpação — «The legend of Swift as a savage, mad, embittered misanthrope...»⁴⁷. De qualquer modo, é difícil não detectar, em vários momentos de *A Voyage to the Country of the Houyhnhnms*, uma ira dificilmente controlável que quase explode em invectiva na profusão das enumerações que pontuam o discurso de Gulliver — e que parecem aglutinar todos os homens numa universalidade de vício e inimizade:

I enjoyed perfect health of body and tranquillity of mind; I did not feel the treachery or inconstancy of a friend, nor the injuries of a secret or open enemy. I had no occasion of bribing, flattering or pimping, to procure the favour of any great man or of his minion. I wanted no fence against fraud or oppression; here was neither physician to

⁴⁵ Ver: WILLEY—op. cit., caps. 1, 3, 4, 6; HARRIS, R. W., *Reason and Nature in the Eighteenth Century*, London, Blandford Press, 1968, caps. 3, 4, 5, 7; VITOUX, Pierre — *Histoire des Idées en Grande Bretagne*, Paris, Armand Colin, 1969, pp. 54-77.

⁴⁶ ORWELL —op. cit., p. 193.

⁴⁷ MONK — op. cit., p. 125

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

destroy my body, nor lawyer to ruin my fortune; no informer to watch my words and actions, or forge accusations against me for hire: here were no gibbers, censurers, backbiters, pickpockets, highwaymen, house-breakers, attorneys, bawds, buffoons, gamesters, politicians, wits, sple-netics, tedious talkers, controvertists, ravishers, murderers, robbers, virtuosos; no leaders or followers of party and faction; no encouragers to vice, by seducement or examples: no dungeon, axes, gibbets, whipping-posts or pillories; no cheating shopkeepers or mechanics; no pride, vanity or affectation: no fops, bullies, drunkards, strolling whores, or poxes: no ranting, lewd, expensive wives: no stupid, proud pendants: no importunate, overbearing, quarrelsome, noisy, roaring, empty, conceited, swearing companions: no scoundrels, raised from the dust upon the merit of their vices, or nobility thrown into it on account of their virtues: no Lords, fiddlers, Judges or dancing-masters. (GT 324-5),

A afirmação inicial da «tranquilidade de espíritos e ironizada à medida que o ritmo acelera, e os mais diversos objectos, profissões, estatutos sociais vão sendo agrupados ostensivamente «ao acaso» — um «acaso pelo qual se constroem subtis ironias como a que equipara (pela justaposição) «Lords, fiddlers, Judges, dancing-masters». É um modo de escrever a indignação que reconhecemos noutros textos de Swift⁴⁸, e que nos leva a pensar se a distância emocional entre autor e narrador não será, aqui, mínima. A *persona* Gulliver poderá estar a ser convenientemente utilizada como um modo de o autor desviar de si as consequências de um «mau-humor» não racionalmente justificável: «...the reader is not interested either in bad temper or in simulation of it. The author must either avoid it or show very strong reason indeed for indulging it», lembra-nos Arthur Pollard, enquanto Patrick Reilly, comentando especificamente o texto em causa, afirma:

Refusing to be caught in possession of a ridiculously redundant passion, an anger that neither reforms its target nor dignifies its owner, Swift astutely palms it on to Gulliver as foolish enthusiast. Swift has the relief of flaying humanity, Gulliver attracts whatever derision the unprofitable exercise provokes⁴⁹.

Se Orwell parecia fundar o pessimismo «rancorosos de Swift em motivações de ordem pessoal, a possibilidade de o relacionar com problemáticas mais amplas não é descurada por outros autores: a crença em teorias do declínio constante da Natureza (um «deterioracionismo» que estará presente em *Gulliver's Travels* «both as theme and structure»⁵⁰) é frequentemente atribuída a Swift como base da sua oposição às doutrinas do Progresso defendidas pelos «espíritos mais optimistas» do séc. XVIII (uma opinião que pode, por outro

⁴⁸ Referiremos, especificamente, o recurso à mesma acumulação enumerativa no ponto fulcral e de «viragem» do *A Modest Proposal*; ver: SWIFT, Jonathan — *Satires and Personal Writings*, Oxford, O.U.P., 1973, pp. 29-30.

⁴⁹ POLLARD — op. cit., p. 73; REILLY — op. cit., p. 140.

⁵⁰ REILLY — op. cit., pp. 87, 96.

lado, ser peremptoriamente rejeitada como «...one of the most persistent canards in Swiftian scholarship»⁵¹...).

Decorrendo da sua visão da História (enquanto decadência ou Progresso) e da concepção do Homem que lhe estará associada, a atitude de Swift face à possibilidade da progressão do Conhecimento revelar-se-á igualmente polémica — abrindo, contudo, hipóteses de leitura particularmente sedutoras. Afirmar taxativamente, com base em *Gulliver's Travels*, que Swift é contra uma atitude de curiosidade intelectual — «...his implied aim is a static, incurious civilization...»⁵² — é esquecer que todo o percurso de Gulliver pode ser visto como uma demanda de conhecimento. É certo que, se chega a ser atingida, essa meta se revela funesta (para o indivíduo e para o ser social); que os Houyhnhnms (ainda Orwell, por exemplo, parece torná-los por um ideal seriamente proposto) vivem num estádio da civilização anterior à descoberta da roda, e que, na III Viagem, a ciência, em especial o experimentalismo e o esforço inventivo, se cobrem de ridículo. Mas não podemos esquecer a vontade que os anfitriões de Gulliver manifestam de conhecer a História, os costumes, as crenças do seu mundo — vontade a que Gulliver corresponde em pleno.

O que se torna claro é que a curiosidade de Gulliver pouco tem a ver com o estudo objectivo dos processos da Natureza nas «paisagens» que visita (Swift assumiria a Natureza como marcada inescapavelmente pela Queda, não devendo o Homem esperar descobrir mais do que corrupção para além das superfícies douradas?); será antes identificável com uma «simplicidade» que assente nos «gostos práticos» de Swift: a História, a Teoria Política, a Moral⁵³ — áreas tradicionais de um Saber ligado aos Antigos, que Swift veneraria, desconfiando das especulações fúteis e talvez pecaminosas, porque expressão de *Orgulho*, dos Modernos. Mas, por outro lado, não será também o Orgulho que leva Gulliver a pensar ter descoberto a Verdade — ilustrando talvez, com a alienação que sofre, a trágica incapacidade humana de aceder a mais do que uma experiência fragmentária? Desta perspectiva, as viagens de Gulliver actualizam-se como um percurso da Inocência à Experiência⁵⁴, coincidindo a Queda, ironicamente, com a entrada no «Paraíso Terreal» da Natureza e da Razão...

Reflexos de problemas morais e filosóficos com uma importância que transcende qualquer conjuntura histórica específica (porque incidindo na condição humana) podem, portanto, ser lidos num texto como *A Voyage to the Country of the Houyhnhnms* — a par das alusões concretas a realidades historicamente localizáveis e em relação às quais as intenções didácticas da sátira swiftiana mais facilmente se poderiam efectivar. Uma das características marcantes deste texto será, precisamente, o modo como se combinam e rela-

⁵¹ JOHNSON, James William — *Swift's Historical Outlook*, «Swift—Modern Judgements», org. A. Norman Jeffares, London, MacMillan and Co Ltd, 1968, pp. 103 segs.

⁵² ORWELL — *op. cit.*, p. 198.

⁵³ Ver: VITOUX — *op. cit.*, pp. 69-71; JOHNSON — *op. cit.*, pp. 96-7.

⁵⁴ «In the narratives of Swift, Johnson, and Wordsworth, for example, the transition from innocence to experience was the staple archetype, as it was in most other fictions of their time. (...) they generally shared a conception of it as a movement from integrity to division» (GOLDEN — *op. cit.*, p. 2).

NOTAS DE INVESTIGAÇÃO

cionam diferentes níveis de leitura. A necessidade, tão sublinhada nalguns ensaios críticos, de reconhecer a mentalidade prática de Swift, a preocupação com os eventos do seu tempo, o pragmatismo da sátira Tory em geral, não invalidará uma leitura que preste atenção à complexidade de temáticas que fomos apontando.

Porém, neste ponto, como em relação a muitos dos problemas que a IV Viagem de Gulliver levanta, as opiniões extremaram-se. É inegável a relativa «facilidade» na busca de argumentos a favor desta ou daquela posição crítica. Mas tentar uma harmonização que «resolvesse» as divergências seria cair num eclecticismo amorfo.

Propondo as discordâncias da crítica como ecos da coexistência no texto de vozes várias, que se invalidam (no mesmo sentido em que se equilibram) reciprocamente, não tendo lugar a resolução das tensões através da transparência de uma normatividade; descrendo da tentativa de rotular a obra como «idealista e cristã ou «nihilista e de desespero», aceitaremos a irresolução de um objecto que fascina — porque diverte ao mesmo tempo que se inclina para a tragédia, porque busca a nossa cumplicidade num riso que também nos vitima. Preferir a riqueza ambígua da multiplicidade de leitura à linearidade redutora que busca (deformando) a interpretação: será a consequência necessária de um «axiomas crítico — «Other things being equal, one should always accept the reading that contributes most to the quality of the work»⁵⁵ — se aplicado a um texto que reconhecemos como irónico na acepção do termo que pressupõe «...a view of life which recognizes that experience is open to multiple interpretations, of which no *one* is simply right...»⁵⁶.

Rui Manuel Gomes de Carvalho Homem

⁵⁵ BOOTH — *...Irony*, p. 184.

⁵⁶ HEYNES, Samuel — *The Pattern of Hardy's Poetry*, Chapel Hill, N. C. 1961. pp. 41-2.